

KAMILA SHAMSIE

**UM DEUS  
EM CADA PEDRA**

**TRADUÇÃO DE DUARTE SOUSA TAVARES**



## 515 a. C.

Folhas e frutos de figueira giram nas mãos de Cílox.  
Ao rodar a tiara de prata de um lado para o outro,  
dando vida aos desenhos gravados, imagina-se a abrir  
as mãos e a ver a joia a deslizar

pelo

declive

do deserto da montanha,  
pelo vale encantado dos ribeiros, dos campos, dos  
pomares,

e cair

*splash!*

no afluente enlameado, onde é depois arrastada em direção ao Indo, infestado de crocodilos.

Junto à distante margem do rio, o seu barco é um borão acastanhado. A sua tripulação considera-o louco por ter passado toda a noite na montanha. Mas para quê explicar-lhes, se ainda não entenderam, a magia de caminhar ao sol e ver lá em baixo, no ar fresco da manhã, a corrente apressada do Indo, que se estende à sua frente como uma oferenda. Pousa a tiara na cabeça, passa as mãos calejadas de marinheiro pelos delicados figos gravados – em honra da terra onde nasceu, a Cária, onde os homens são bárbaros mas os frutos são doces. É o que dizem os persas – no entanto, ali está ele, um dos bárbaros, a quem tinha

sido confiada a chefia de uma das mais arriscadas missões do império. Nunca nenhum homem navegou o rio Indo. Nem sequer Ulisses.

Um bando de pássaros brancos circunda o seu barco. Não, são as velas. A tripulação trabalhou durante toda a noite para lhe fazer esta surpresa. O barco está a postos; as velas apanham o vento e sopram na sua direção. Assobia com força, e o seu cavalo, preso por uma corda um pouco mais abaixo na montanha, responde com um relincho. Cílix corre na direção daquele som; a distância entre ele e o barco é subitamente enorme. Hoje, tudo começa. Hoje, partirão da cidade de Caspátira, nas franjas do império de Dario, nas franjas do mundo conhecido. Caspátira — a porta para a glória.

## Julho-Agosto de 1914

Vivian Rose Spencer quase corria agora, subindo a encosta da montanha, ao longo do antigo lajeado da Via Sacra, acompanhada por uma orquestra de pássaros, pelo rumorejar das águas da nascente, pelas cigarras e pelo encontro da brisa com as oliveiras. O guia e os burros ficaram para trás, por isso não havia ninguém para vê-la parar abruptamente em frente a um bloco branco de pedra que teria rebolado até ao meio da montanha séculos atrás, pousar as mãos na sua superfície e inclinar-se para a beijar. Mármore, poeira e um sabor que a fez afastar-se, atônita — as ossadas do santuário de Zeus tinham a doçura dos figos. Ou isso, ou um pássaro que voasse por ali teria deixado cair um fruto, e o seu sumo ter-se-ia espalhado pela pedra. Olhou para os pés, viu um figo aberto ao meio.

— Labraunda! — gritou, a voz ecoando.

— Labraunda! — ouviu, reverberando pela montanha.

Aquela não era a sua voz. Era a de um homem, com um sotaque ao mesmo tempo familiar e estranho. Mas não, a estranha ali era ela. Pegou no figo, levou-o ao nariz e fechou os olhos. Nunca mais queria regressar a Londres.

Os relatos dos viajantes do século XIX não a tinham preparado para isto: no topo das encostas mais altas da montanha restavam ainda vestígios suficientes do vasto complexo do templo para permitir que a imaginação erguesse as colunatas caídas, juntasse os blocos de mármore e de pedra espalhados por ali, e recriasse a grandeza de outros tempos. Fora daqui que as tropas cárias tinham

debandado depois da derrota na batalha contra o poderoso exército persa de Dario; fora aqui que os arquitetos do Mausoléu, essa maravilha do mundo, tinham aperfeiçoado a sua arte; fora aqui que Alexandre viera admirar o poderoso machado de dois gumes da rainha das Amazonas, brandido bem alto pela estátua de Zeus.

Viv avançou devagar, tentando absorver tudo: as ruínas meio perdidas entre a folhagem; os sons de terra remexida, dos ramos de árvores sendo cortados, das vozes dizendo palavras incompreensíveis; a vista que abarcava, de uma só vez, o vasto céu, a planície em baixo e, ao longe, o mar Egeu. Teria ainda de habituar-se à luz desta parte do mundo — brilhante sem ser agressiva, e que a fazia sentir que passara toda a vida com um véu a tapar-lhe os olhos. Sentia-se impelida por uma qualquer força, pequena e musculada, que quase a atirava ao chão.

— *Alice!* — gritou, e tentou pegar ao colo o cão, um pug, mas o animal continuou em frente.

Viv seguiu caminho através de um labirinto de colunas partidas, mais altas que o mais alto dos homens, até que vislumbrou a silhueta familiar esguia de Tahsin Bey, um velho amigo de seu pai, de cócoras no chão, ao lado de um homem loiro, apontando para qualquer coisa esculpida num grande bloco de pedra — uma figura serpenteante com um aro atrás do maxilar aberto.

— Uma cobra — disse o homem loiro, com sotaque alemão.

— Uma enguia? — sugeriu Tahsin Bey, naquela sua maneira de avançar com uma certeza como se fosse uma teoria que estivesse a propor à consideração de quem o ouvia.

— Uma enguia? Porquê uma enguia?

Foi Viv quem respondeu, ainda que soubesse que era indelicado interromper a conversa dos dois homens, que nem sequer tinham dado pela sua presença.

— Porque Plínio nos diz que nas nascentes de Labraunda havia enguias que usavam brincos.

Os dois homens voltaram-se para a olhar, e Viv não se conteve e acrescentou:

— E Eliano conta que existem peixes com colares de ouro, que são domesticados e vêm ao chamamento das pessoas.

Tahsin Bey apertou-lhe a mão, mas o seu sorriso acolhedor contrariou a formalidade do gesto.

— Bem-vinda a Labraunda, Vivian Rose.

Tinha a palma da mão calejada e, uns instantes depois, quando ela levou a mão ao olho para afastar uma irritação qualquer, sentiu o cheiro a tabaco e a terra sobrepondo-se ao dos figos. A intensidade do aroma fez com que se deixasse ficar a senti-lo, até que reparou no alemão que a olhava com uma expressão cúmplice que não lhe agradou. Baixou bruscamente a mão e limpou-a à saia, enquanto pensava como iria ser capaz de descansar os olhos naquele lugar, onde havia tanto para ver.

Acordou cedo na manhã seguinte, vestida ainda com a roupa do dia anterior. Pouco tinha feito nessa tarde, para além de medir e desenhar esboços das colunas de um dos edifícios — seria um templo? Um androceu<sup>1</sup>? Uma caixa-forte? — mas doíam-lhe os músculos da escalada da montanha e dos passeios meio alucinados para cima e para baixo pelos socalcos, até que Tahsin Bey lhe dissera para pousar o caderno de esboços e começar a fazer alguma coisa de útil. Quando chegou a hora de jantar, já só mal tinha forças para levar à boca a comida e mastigá-la, enquanto as conversas decorriam à sua volta, sem se importarem com a sua incapacidade de fazer parte delas.

Levantou-se da cama de campanha, mudou de roupa sem fazer barulho, para não perturbar as duas alemãs com quem partilhava a tenda, e saiu para o exterior, naquela hora entre a escuridão e a luz. Sentia um certo frio no ar, enquanto caminhava por entre as ruínas, com ambas as mãos estendidas para tocar em cada bloco, em cada coluna por onde passava. Um latido agudo quebrou o silêncio. Olhou em volta à procura de *Alice*, mas quem encontrou foi Tahsin Bey, sentado numa grande pedra atravessada por um corte — a Pedra Fendida de Zeus — estendendo-lhe uma chávena em jeito de cumprimento. *Alice* veio a guiá-la por entre as árvores e os degraus partidos e, uns

---

<sup>1</sup> Parte das casas gregas da Antiguidade reservada aos homens. (NT)

minutos depois, Viv estava a beber chá pela tampa de um termo, vendo o Sol nascer sobre a terra ancestral da Cária.

— Então, isto é que é uma aurora de dedos cor-de-rosa.

— Tens de escrever ao teu pai para lhe contar. Ele vai gostar.

— Vou escrever-lhe a contar tudo!

O pai, um homem sem filhos homens, tinha transformado esse seu desgosto em determinação de fazer com que a filha se elevasse acima de todas as outras do seu sexo. Desde cedo que tinham combinado entre os dois que ela seria tanto um filho como uma filha — feminina nas maneiras, mas masculina no intelecto. Encarregando-se pessoalmente da educação da sua mente, tinha-lhe lido Homero na infância e dava-lhe enorme prazer vê-la bombardear Tahsin Bey com perguntas sobre a sua vida de arqueólogo de cada vez que o turco os visitava. E defendeu o seu direito de estudar História e Egiptologia na University College de Londres, apesar dos protestos da mulher — mesmo assim, Viv mal conseguira acreditar que ele estava a falar a sério quando lhe perguntou certa manhã, como se lhe perguntasse se queria dar uma volta de carro pelo parque, se estaria interessada em acompanhar Tahsin Bey numa escavação em Labraunda.

— Um escândalo! — dissera a Sra. Spencer, batendo com o guardanapo na mesa polida do pequeno-almoço.

Queria ele ver a filha a subir e descer as pirâmides em culotes, como a Sra. Flinders Petrie<sup>2</sup>? Não teria ele qualquer consideração pelas suas perspetivas de casamento?

Pai e filha trocaram um sorriso cúmplice por sobre a mesa do pequeno-almoço, até que Viv se levantou da cadeira para se atirar ao pescoço do Dr. Spencer. Tinha ficado mais desiludida do que demonstrara quando, durante os anos de universidade que agora mesmo terminara, ele lhe dissera que não, que ela não faria parte do grupo de estudantes que Flinders Petrie iria levar ao Egito durante o verão — e calculou que todas as futuras escavações

---

<sup>2</sup> Hilda Petrie (1871-1957), egiptóloga e mulher de Flinders Petrie, considerado o pai da arqueologia científica, a quem acompanhava nas suas muitas escavações arqueológicas. (NT)

estivessem também fora de questão, enquanto fosse solteira e a viver debaixo do seu teto. Mas ali estava ele, afastando o prato para o lado, mostrando-lhe a carta que recebera de Tahsin Bey e dizendo-lhe que claro está que ela não poderia perder uma oportunidade daquelas, e que poderiam confiar no seu velho amigo, que se certificaria de que tudo se passaria dentro da maior decência, o que já não se poderia dizer de Flinders Petrie, com aquela louca da sua mulher, e que ele próprio gostaria de poder pôr de lado as suas responsabilidades e juntar-se a eles.

— Ele tem muito orgulho em ti — disse o turco, virando ligeiramente o corpo na sua direção, sentado na pedra.

— Eu sei. Mas nunca lhe dei nenhuma razão para ter orgulho. Ainda não.

— Não? Achas que não deveria ter orgulho da tua coragem?

— Coragem? Isso é uma coisa que eu seguramente não tenho. Lembras-te da minha amiga, a Mary? Tornou-se uma dessas militantes sufragistas, infelizmente. Mas, apesar de estar completamente enganada, tenho-a visto enfrentar a prisão e ser alimentada à força, e reconheço-lhe a coragem. Mas não a encontro quando me olho ao espelho.

— É preciso bastante coragem para vir para uma parte desconhecida do mundo, longe de tudo aquilo a que estás habituada desde sempre.

— Isso não é coragem. Tu estás aqui.

Sentiu-se a corar ao dizer aquelas palavras que tinham mais calor ditas em voz alta do que estava à espera. O que queria dizer era que, na sua companhia tão familiar, não estava longe de tudo a que estava habituada desde sempre — ele e o pai tinham travado uma amizade improvável quando eram jovens e se conheceram num comboio em França. Que ela se lembrasse, quase nunca passara um ano sem que Tahsin Bey não tivesse vindo a Londres e a levasse a passear ao Museu Britânico, falando da sua esperança de que, um dia, as autoridades otomanas emitissem um *firman*<sup>3</sup> que o autorizasse a escavar em Labraunda.

---

<sup>3</sup> Decretos imperiais otomanos. (NT)

— E eu vou contigo! — respondera-lhe sempre ela.

— Sim, claro! — dizia ele à criança que ela fora.

— Se o teu pai deixar — emendava, quando começou a tornar-se quase adulta.

Mas apercebeu-se de que a sua companhia já não era familiar da mesma maneira que antes, ao vê-lo corar também. Já tinha vinte e dois anos e, apesar de tê-lo sempre visto como um velho, os músculos do seu antebraço nu e a espessura do seu cabelo escuro, em que nunca reparara na luz abafada de Londres, faziam-na ganhar subitamente consciência de que uma diferença de vinte e cinco anos se vai atenuando com o tempo. Tinha amigas do colégio que haviam casado com homens com mais de quarenta anos e tido filhos.

Voltou-se para o outro lado, afastada de Tahsin Bey, e abriu o caderno de esboços, para poder fingir que aquela mudança de ângulo só fora precisa para conseguir pintar as ruínas do edifício que tinha estado a desenhar à vista no dia anterior. Claro que já tinha pensado muitas vezes que casar com um arqueólogo era a única maneira de garantir o seu lugar nas expedições mais excitantes do momento — em vez das escavações irrelevantes nas orlas do conhecimento para onde tinha sido relegada a moda recente das expedições conduzidas por mulheres. Mas pensar em Tahsin Bey dessa maneira era absurdo. Era um amigo do seu pai; nem conseguia imaginar... não que fizesse alguma ideia do que era suposto imaginar sobre os homens dessa maneira; já tinha visto suficientes totens da fertilidade para compreender a mecânica da coisa, mas a questão não era bem essa. A questão era que morreria de vergonha se ele suspeitasse sequer no que ela estava a pensar.

— Tens boa mão.

Levantou os olhos, alarmada, mas toda a sua atenção estava concentrada na folha que ela preencheria com um esboço rápido e preciso dos restos das colunas — jónicas, em dois lados — que formavam a estrutura retangular do edifício. Ele estendeu a mão, ela passou-lhe o caderno e ficou a vê-lo virar as folhas.

— Não é uma boa mão, é uma mão excecional. Quando mostrares ao teu pai, ele vai ficar orgulhoso.

Ela devolveu-lhe o sorriso — de novo uma criança, na presença de um adulto cujos elogios tornavam o mundo num lugar melhor.

Nessa noite, eram dez para jantar à volta da mesa comprida de madeira sob o céu noturno. Três alemães, seis turcos, e Viv. Começaram a refeição quase em silêncio, com todas as atenções viradas para o estufado que Nergiz, a cozinheira, tinha preparado mas, quando acabaram, empurraram os pratos para o lado e todos eles, com a exceção de Viv — até as duas mulheres alemãs — acenderam um cigarro e entregaram-se a conversas breves sobre o seu dia, numa mistura de línguas em que o francês predominava. Viv estava sentada ao lado do alemão loiro, Wilhelm, que estava particularmente interessado na necrópole que rodeava o complexo do templo e lhe ia descrevendo, num detalhe minucioso, as moedas e as inscrições que já tinha encontrado num dos túmulos de pedra. Ela acenava com a cabeça e ouvia, o que era, claramente, a única coisa que ele esperava de si, mas os seus ouvidos iam apanhando bocados de conversas em que preferia estar a participar — uma discussão cada vez mais acalorada sobre se o edifício maior dentro do complexo seria o Templo de Zeus deixava-a particularmente curiosa. A certa altura, o seu olhar cruzou-se com o de Tahsin Bey, que lhe piscou o olho — era incapaz de imaginá-lo a fazer semelhante coisa em casa dos pais, mas não teve a sensação de que ele estivesse a ser abusador.

— Aborrecida? — soprou-lhe ele.

E ela acenou com a cabeça.

Quando deu por si, ele estava de pé em cima da cadeira, com *Alice* enfiada debaixo de um dos braços, e as estrelas aglomeradas à volta da cabeça como uma tiara de prata.

— Senhoras e senhores, se baixarmos as vozes, talvez os consigamos ouvir.

Levou um dedo aos lábios e apontou a encosta da montanha. Todos se voltaram para olhar, mas não havia nada para ver, à exceção das colunas brancas que rasgavam a escuridão.

— Os que restaram do exército da Cária. Oçam; ouvem-se os seus passos cansados enquanto se arrastam, a si e aos seus compa-

nheiros feridos, pela Via Sacra até ao Templo de Labraunda. Não são as feridas do corpo que lhes entorpecem os passos. É a derrota. Ainda esta manhã eram homens cheios de esperança e de coragem, um grande povo à beira de um vasto império, a postos para cortar as amarras que os prendiam aos seus senhores persas. Agora, são um exército delapidado e exausto. Não há um único que não tenha perdido alguém que amava, morto por uma espada persa. Ali vão eles agora, passando por nós a coxear, a caminho do Templo de Zeus... não, Mehmet, não é esse... com os corações a transbordar quer de tristeza, quer de ódio pelo deus que os abandonou.

Desde a sua infância, este tinha sido o seu papel. O Contador de Histórias da Antiguidade. Na sua primeira memória nítida de uma conversa, ele tinha-lhe contado que era natural da Anatólia — a antiga Cária — tal como Heródoto, *o Pai da História*, e Cílix, *o Grande Explorador*.

— Já chegados ao templo, discutem: deverão entregar-se aos persas ou tentar fugir da sua pátria? Apenas um homem se cala. Cílix, que é quem melhor conhece os persas. Já viajara com eles, bebera com eles e usara na frente o sinal de reconhecimento de Dario.

— Manda-o calar!

Palavras sussurradas ao seu ouvido por Mehmet, o sobrinho de Tahsin Bey, o arqueólogo mais perto da sua idade mas, até ali, o mais distante, o mais desconfiado.

— Por favor. Ele a ti ouve-te. Por favor.

O tom de pânico na sua voz fê-la agir sem pensar. Pegando num pedaço de pera, atirou-o na direção de *Alice*, que saltou dos braços de Tahsin Bey, abanando as pequenas patinhas no ar como se estivesse dentro de água. O turco chegou-se para a frente, apanhou-a e, sem se saber bem como, conseguiu voltar a equilibrar-se na cadeira, debaixo de uma chuva de aplausos. Tinha resultado. O estado de espírito geral tinha-se alterado, para a alegria que acompanha sempre um desastre evitado.

Mehmet gritou:

— Uma canção! Uma canção!

E os alemães à volta da mesa começaram a cantar a «Green-sleeves». Wilhelm agarrou na mão de Viv e puxou-a para uma dança surpreendentemente ágil à volta da mesa, ao mesmo tempo que cantava.

Pouco depois, pediu desculpa a Tahsin Bey.

— Não sei bem porquê, achei que conseguia atirar a pera diretamente para a boca da *Alice* — disse ela.

Com um gesto, respondeu-lhe que não precisava de se justificar. Mehmet, sentado ali perto, observava imperturbável.

— Porque é que me pediste para fazer aquilo? — perguntou ela ao rapaz, quando ninguém os ouvia.

— Ah, já ouvi tantas vezes aquela história que já estou farto — foi a resposta e, ainda que soubesse que ele estava a mentir, não conseguia sequer imaginar porquê.

Durante a segunda semana, fez a sua própria descoberta: uma laje de pedra caída, que outrora fizera parte de um teto, foi afastada do edifício retangular com as colunas jónicas, deixando à vista uma inscrição na pedra. Fora Viv quem insistira que o capataz pedisse aos seus homens para tirarem do caminho aquela laje — mais ninguém senão ela se interessara pelo pequeno edifício, com tantas outras estruturas bem mais grandiosas para escavar — por isso, fora a única dos arqueólogos presentes a poder ler as palavras gregas, dar um passo atrás, lê-las novamente e correr disparada à procura de Tahsin Bey.

— Encontrei-o! Encontrei o Templo de Zeus!

Apesar de a tarde mal ter começado, todos os arqueólogos largaram o que estavam a fazer para se juntarem à volta da inscrição e fazerem um brinde a Viv, com o vinho que Gretel, a sua companheira de tenda, estava a guardar para uma Grande Ocasão.

— Vivian Rose Spencer, arqueóloga! — disse Tahsin Bey.

E os outros ergueram os seus copos e repetiram as palavras nos seus diferentes sotaques.

Desejou que o pai ali estivesse para ver aquilo.

Todas as noites, Viv deixava uma cesta de figos ao lado da cama de campanha e adormecia com a mão pousada no meio dos frutos maduros. Sempre lhe custara bastante dormir, mas em Labraunda, as horas de esforço físico e o vinho bebido a seguir faziam com que acordasse na mesma posição em que tinha adormecido, arrancada dos sonhos pelo farejar de uma pug que sabia como levantar a ponta do mosquiteiro com os dentes e enfiar-se lá debaixo. Com uma pata na borda da cesta dos figos, *Alice* balançava-a de um lado para o outro sem nunca a entornar. Se era demasiado bem-comportada para fazer disparates, ou demasiado arrogante para se servir a si mesma, Viv nunca chegou a perceber.

Fosse como fosse, poucos minutos depois de acordar Viv, enquanto as outras mulheres na tenda continuavam a dormir, *Alice* aninhava-se debaixo do braço da inglesa, recebendo na boca pequenos pedaços de figo, exatamente como gostava. Todas as manhãs, Tahsin Bey fingia surpresa ao ver a rapariga e a cadela virem no seu encalço enquanto caminhava, muito lentamente, pela colina acima.

— Foi ela que te acordou? Ela foge assim que abro a tenda, desculpa. Mas, já que estás acordada, não queres...?

À medida que o verão avançava, Viv sentia-se cada vez mais grata por aquela encenação, pois permitia-lhe evitar a questão do que estava a fazer, congeminando um plano — usando um cão — para passar uns minutos do dia a sós com Tahsin Bey, sentada na pedra fendida, criada pelo raio de Zeus, bebendo a chávena de chá matinal enquanto o Sol erguia das sombras as ruínas do Santuário de Labraunda e as montanhas e as florestas que o cercavam. Havia uma beleza neste pedaço do Império Otomano que a arrebatava como nunca nada o fizera em Inglaterra — os socacos das colinas, os plátanos, o resplandecente azul do céu sem nuvens, o esqueleto de um templo que ela seria para sempre a primeira pessoa a ter identificado. Juntou as palmas das mãos, e a pele endurecida e os calos deram-lhe mais prazer do que qualquer outra parte do seu corpo alguma vez lhe proporcionara.

Certa manhã, perto do final das escavações, estavam sentados juntos como de costume. Tahsin Bey na pedra com uma perna dobrada debaixo do corpo e a outra pendendo da borda, de cotovelos junto ao corpo, enquanto levava a chávena de chá quente

à boca. Era uma posição que ela já tinha desenhado de memória à luz da lua cheia no seu caderno de pele de vitela — mais privado, mais precioso que todos os seus outros cadernos.

— Estás desapontado por não a ter encontrado? — perguntou ela, vendo-o olhar lá para baixo, em direção ao templo.

— Encontrado o quê?

— Aquilo que sempre esperaste encontrar em Labraunda.

— Como é que sabes...?

— Contaste-me. Na primeira vez em que falámos a sério.

— Tinhas cinco anos na primeira vez em que falámos a sério. Discutimos a vida espiritual das bonecas.

— Bom, está bem. Na primeira vez em que me lembro de termos falado a sério.

Baixaram a voz, divertidos, as mãos pousadas lado a lado no pelo de Alice.

*A rapariga seguiu as luzes, a música e o burburinho das vozes que se estendiam pela porta até ao jardim. À medida que se aproximava da orla da propriedade, apercebeu-se de que tudo o que ficava para trás de si estava a ser engolido pela escuridão e que, em breve, não restaria senão ela. A menos que a escuridão a engolissem também.*

— Para onde é que vais?

*O som da escuridão não era aquele de que estava à espera; a sua voz era estranha.*

— Para longe daquilo.

*Fez um gesto com a mão, apontando para a casa apinhada de convidados animados na festa de Ano Novo, à espera que chegasse 1904. O que queria realmente dizer era que queria fugir da mãe, que estava a tentar mandá-la para a cama como se, aos onze anos, ainda fosse uma criança.*

*A escuridão acendeu um cigarro e surgiu o rosto de um homem, ligado à ponta de um tubo branco cintilante. A rapariga conhecera aquele homem toda a sua vida mas ele só se tornara interessante para si um pouco antes nessa mesma noite, quando o pai lhe tinha segredado ao ouvido:*

— É arqueólogo, e cresceu no mesmo lugar que Heródoto.

*Repetiu este facto ao homem, que aspirou o fumo do cigarro, chupando tanto com as bochechas que a rapariga teve a certeza de que se tinham tocado dentro da boca*

*— Sim, a ancestral terra da Cária, na fronteira da Pérsia com o Egito. Berço de Heródoto, o Pai da História, é verdade. Mas antes de Heródoto houve Cílix, o maior de todos os viajantes antigos. Reduzido agora a um grão de poeira no canto do olho da História.*

*— Ele viajou até à Índia! Heródoto escreveu sobre ele.*

*O homem olhou-a como se, de repente, ela se tivesse tornado numa pessoa interessante.*

*— Sim, era o mínimo que podia fazer, depois de ter roubado a Cílix todas os relatos da Índia para as suas Histórias. O que é que sabes sobre ele?*

*— Só aquilo que Heródoto contou. Dario, o imperador persa, enviou um grupo de homens da sua máxima confiança à Índia, incluindo do Cílix...*

*— Principalmente Cílix! Kai de kai é a expressão enfática que ele usa. Especialmente Cílix. Aquele em que Dario mais confiava. Continua.*

*— Cílix viajou pelo rio Indo e, mais tarde, Dario usou a informação que ele lhe trouxe para descer o rio e conquistar a Índia, tal como fizeram os ingleses.*

*— Também aprendeste essa última parte com Heródoto?*

*Riu-se, e ela encarou aquela leve troça como um sinal de que a via como uma adulta digna também das brincadeiras divertidas com que muitas vezes brindava o seu pai, mas nunca a sua mãe.*

*— Deixa-me contar-te a parte que Heródoto nunca mencionou, Vivian Rose: Dario confiava de tal maneira em Cílix que lhe ofereceu uma tiara de prata enfeitada com figos, o sinal da honra maior. Mas, vinte anos mais tarde, quando o povo de Cílix, os cários, se revoltaram contra os persas de Dario, Cílix tomou o lado dos seus compatriotas, não do seu imperador.*

*— Mas Dario confiava nele!*

*— Oh, menina inglesa, quão rapidamente tomas o lado do império.*

*Percebera que fora uma crítica, mas não compreendera porquê. O turco deve ter reparado na sua expressão confusa, quase magoada, porque se pôs de pé e a sua voz perdeu o tom mordaz.*

— *Vou contar-te um segredo, se me prometeres não contar a ninguém: um dia, hei de encontrá-la. A Tiara de Cílix.*

*Moveu os braços de um lado para o outro, agitando o ar com fogo.*

— *Está algures à espera, debaixo de um bocado de terra, do homem com determinação suficiente para a desenterrar.*

— *Aonde é que a vais procurar?*

— *Num lugar chamado Labraunda.*

— Eu disse-te isso? Pensava que nunca tinha dito a ninguém.

Tahsin Bey deitou-se para trás, apoiado nos cotovelos, e olhou para ela, estupefacto.

— Pois bem, mas contaste. E então, desapontado?

— Desapontado? A impaciência dos ingleses! Um dia, hei de ter a Tiara de Cílix nas mãos. Porque é que haveria de ser hoje? E, de qualquer modo, como poderia sentir-me desapontado aqui?

Tahsin Bey estendeu os seus longos membros e levantou-se, de braços bem abertos para abarcar o complexo do templo, as planícies de Milas lá em baixo, as montanhas ao seu redor e, ao longe, a península de Halicarnasso.

— Cária! Vivian Rose, se vais passar os teus verões a escavar um dos seus lugares mais sagrados, é melhor saberes o resto também.

Até àquele momento, não se tinha falado na participação de Viv em futuras escavações. Não se tinha falado no mês seguinte, quanto mais no ano seguinte. Mas ela levantou-se também, ignorando os irritados latidos de *Alice*, que não gostava quando lhe recordavam o diminuto tamanho das suas patas.

— Quero ver tudo antes de me ir embora. Milas, Halicarnasso, Alinda, Carianda...

— Outra vez essa impaciência inglesa. Tenho uma ideia, se estiveres disposta a encurtar a tua estada em Constantinopla. Porque é que não viajas connosco até à costa? Podemos ir a alguns lugares da Cária, e até mais longe. Éfeso. Troia!

— Convosco? Contigo e com a *Alice*?

— Não, não. O Wilhelm, a Gretel e eu. Já nos ouviste a falar sobre isso.

- Sim, claro. Desculpa. Claro que nunca terias sugerido...
- Claro que não! O teu pai...!
- Nunca mais falava com nenhum de nós.
- Ou isso, ou obrigava-nos a casar para salvar a tua honra.

Ela teria achado que era uma piada, não fosse a própria reação espantada dele às palavras que lhe tinham saído da boca. Pegou em *Alice*, balbuciou qualquer coisa que ela não percebeu, e começou a descer rapidamente a colina em direção ao som das pás e dos cinzeiros, deixando Viv no silêncio do pequeno bosque de plátanos, aspirando o ar sagrado de Labraunda, tentando compreender o porquê do ritmo acelerado do seu coração.

A escavação terminou. Cada arqueólogo foi à sua vida, prometendo um reencontro para o verão seguinte. O capataz e a sua equipa pegaram nas suas pás e seguiram em fila indiana pela montanha abaixo, em direção às obras de construção que os esperavam. *Alice* foi mandada à frente para a casa de Tahsin Bey em Bodrum, juntamente com Nergiz, a cozinheira, a família desta e a fila de burros transportando as descobertas da expedição. Vários dos arqueólogos, incluindo Anna e Mehmet, partiram para Constantinopla. Viv, Tahsin Bey, Wilhelm e Gretel seguiram a cavalo para a costa da Anatólia.

Cavalgaram em fila indiana ou dois lado a lado. No princípio, as configurações iam mudando, mas rapidamente se estabeleceu um padrão: os dois alemães juntos um pouco mais à frente, seguidos por Tahsin Bey e Viv. Quando paravam para caminhar um pouco por uma cidade ou uma estação arqueológica, era a mesma coisa — os alemães afastavam-se depressa, os outros dois seguindo em passo mais lento. O ambiente começou por ser estranho entre Tahsin Bey e Viv, por causa da falta da cadela. *Alice* tinha sempre sido a presença salvadora a quem podiam recorrer quando o silêncio entre eles se prolongava e ameaçava ganhar outros contornos. Mas depressa aprenderam a sentir-se confortáveis tanto durante o silêncio como durante as conversas, e as suspeitas de Viv de que não existia ninguém no mundo mais interessante que Tahsin Bey tornaram-se uma convicção. Em Labraunda, conversavam sobretudo

sobre a estação arqueológica e as suas descobertas mas, enquanto cavalgavam, ela foi percebendo que não havia nada que ele não soubesse — a história de cada pedra antiga, o canto característico de cada pássaro, as peças e os sonetos de Shakespeare, as coincidências e as contradições entre a Bíblia e o Corão, a história do tango.

Certa tarde, estavam sentados numa escarpa não muito alta com vista sobre o mar Egeu, sentindo o seu sal na boca e na pele, enquanto os alemães se divertiam lá em baixo na água. Era o último dia naquele lugar onde já tinha sido a Cária.

Com a ponta do sapato, Tahsin Bey — quase delicadamente — desenhou uma forma na areia do topo da escarpa. Viv arrancava folhas e frutos da figueira ali ao lado que ia dispondo, alternadamente, no desenho da tiara.

— Pronto! Aqui está! Encontrei-a para mim, Vivian Rose.

Existem certas passagens de tempo em que uma pessoa entra, sabendo inabalavelmente que elas reterão para sempre um raro brilho, um brilho que será ainda mais radioso à medida que as decepções se vão agarrando à vida. Aquela era eu, pensou Viv, antecipando as reminiscências do seu futuro eu; aquela já fui eu, arrancando figos de ramos e enfiando-os na boca enquanto admirava o sol brilhando sobre a costa da Cária até ao horizonte, refletido na água tão azul como tinta e suficientemente límpida para se conseguirem ver as rochas na base da falésia. Quase enlouquecida pelo roxo na minha língua, o azul na minha visão — um momento em que se percebe que as Sereias não eram criaturas marinhas, eram o próprio mar. Tahsin Bey riu-se como se tivesse ouvido os seus pensamentos e disse:

— Olha, os teus olhos mudaram de cor. Agora, tens o mar Egeu dentro deles.

Tocando ao de leve no pulso dela, onde o osso era mais saliente, acrescentou:

— E tens o sol na tua pele. A metamorfose de Vivian Rose.

— Prefiro esta versão.

— Tenho andado a pensar. Já faz tanto tempo que não passo o Natal em Londres. Pensei em fazer-vos uma visita no final do ano.

— Gostaria muito.

Nenhum dos dois precisava de dizer mais nada. Por agora, continuariam como colegas, sem qualquer palavra ou gesto que revelasse aquilo que ficara entendido entre ambos, para que ele pudesse abordar o pai dela como um homem honrado. A princípio, o pai seria apanhado de surpresa, mas havia poucas pessoas no mundo por quem sentisse maior admiração do que por este homem culto e generoso — «mais inglês que os ingleses», dissera certa vez — e a surpresa daria rapidamente lugar à satisfação. No verão seguinte, Viv e Tahsin Bey regressariam a Labraunda como marido e mulher, e todos os verões depois desse. Nunca na sua vida ela tinha sentido tamanha paz.

Chegaram à costa sul do mar de Mármara, de onde apanhariam o *ferry* para Constantinopla, e foi aí que, por fim, lhes chegaram as notícias sobre a guerra na Europa. Tinha começado logo a seguir a terem partido de Labraunda, e o Império Otomano ainda permanecia neutral, ainda que não fosse expectável que essa situação se mantivesse por muito mais tempo.

— O *Expresso do Oriente*? — disse o homem no terminal do *ferry*.  
— Não, não, foi suspenso.

Os alemães e os ingleses teriam de encontrar outra maneira de chegar a casa, mas não juntos, claro, agora que as suas nações estavam em guerra.

— Mas a menina inglesa chama-se Spencer? Os seus compatriotas andaram a deixar-lhe mensagens ao longo de toda a costa.

E estendeu-lhe a carta.

Desde que o homem dissera «guerra na Europa» — todos eles sabiam turco suficiente para compreender a frase —, Gretel e Viv tinham agarrado a mão uma da outra e então Wilhelm pegou na carta do turco e entregou-a a Viv, os seus dedos roçando ao de leve nos dela.

A mensagem, da embaixada em Constantinopla, era curta. O pai estava preocupado com ela. Deveria contactar imediatamente a embaixada, que trataria de tudo para que chegasse a casa em segurança.

Depois disso, tudo aconteceu muito depressa. Encontraram um telefone, o próprio embaixador falou com ela e disse-lhe que fora

um golpe de sorte, havia um *ferry* a caminho de onde ela estava, com um casal de ingleses a bordo, que regressavam a casa por via marítima. Sabiam quem ela era — toda a gente em Constantinopla estava morta de preocupação com ela — e teriam todo o prazer em acompanhá-la até Inglaterra, por isso deveria esperar por eles no cais e anunciar-lhes a sua presença.

— Mas não deve haver assim tanta pressa, de certeza.

— Menina Spencer, já deveria ter partido há muito tempo. Vou mandar imediatamente um telegrama ao seu pai. Penso que não faz ideia do quão preocupado ele está.

Não houve tempo para despedidas, nem para compreender o que se estava a passar. Os alemães disseram que era melhor que não estivessem com ela quando chegasse o casal inglês. Seria uma situação desconfortável. Gretel abraçou-a, Wilhelm apertou-lhe vigorosamente a mão e foram-se embora, deixando-a parada num cais com Tahsin Bey, a olhar para o *ferry* que se aproximava. Quando ela se chegou um pouco mais perto, ele afastou-se, levantando a mão em sinal de rejeição fosse do que fosse que ela tencionava fazer.

— É possível que já nos consigam ver — disse ele, apontando para o *ferry* que avançava demasiado depressa em direção ao cais.

— Ainda vens passar o Natal connosco, não vens?

— Claro. Nessa altura, já tudo isto terá acabado.

— Mas, se a Turquia entrar na guerra, de que lado é que irá ficar?

— Esse louco do Enver<sup>4</sup> há de querer ficar do lado dos alemães.

Mas, quanto aos outros, não sei.

— Não interessa. Quero dizer, para mim. Não mudará nada.

— Talvez nada mude, talvez tudo mude. Esse homem doente da Europa<sup>5</sup>, talvez seja a guerra que acabará por matá-lo.

— Não estou a perceber.

---

<sup>4</sup> Ismail Enver Pasha (1881-1921) foi um importante chefe militar do Império Otomano. No início da Primeira Guerra Mundial, fazia parte, como ministro da Guerra, do triunvirato que comandava na realidade o império e foi o principal responsável pela participação da Turquia no conflito. (NT)

<sup>5</sup> A expressão, hoje com um sentido mais lato descrevendo um país em declínio, era um epíteto dado ao Império Otomano. (NT)

— Todos os impérios chegam ao fim. Há demasiado tempo que os otomanos estão no seu leito de morte.

— Oh! Isso é terrível.

— Terrível? Porquê?

— Para ti. Só de imaginares isso.

Pôs-se em bicos dos pés, como fazia quando matutava num assunto importante dentro da sua cabeça, de mãos atrás das costas. Ela ficou a pensar se ele estaria a tentar controlar-se para não lhe tocar. Teve vontade de lhe pousar a mão no braço, agarrar o antebraço musculado debaixo da manga da camisa e sentir-se, também ela, ancorada.

— Sabias que a Nergiz e eu somos parentes?

— Nergiz, a cozinheira?

— Sim. Parentes distantes. Do lado da minha mãe. Percebes o que isso quer dizer?

Estava a tentar explicar-lhe qualquer coisa acerca de classe, ou de estatuto social. Um escândalo, uma mancha no nome da família que pensou que lhe interessasse. E ela não soube se ficar comovida ou ofendida.

— Não interessa — disse ela.

— Interessa e muito. A família da minha avó é arménia. Para os meus irmãos, isso é irrelevante. Mas, desde criança, esse é o meu lado preferido da família. Os parentes de Bodrum, a casa de família na Cária. E, quando era jovem e estudava na universidade em França, foi fundado o primeiro partido socialista otomano, um partido arménio, cujo objetivo era a independência da Arménia do Império Otomano. Pela primeira vez, deixei de sentir vergonha em frente dos estudantes franceses, que faziam comparações entre a sua tradição revolucionária e o meu despótico império. Mas, mesmo nessa altura, já conhecia suficientemente bem o mundo para saber que essas lealdades se guardam no coração, não na língua.

— Foi por isso que o Mehmet me obrigou a fazer-te parar de falar de Cílix.

— Sim. Eu percebi que foi isso que aconteceu. Cílix, o marinho que foi enviado na maior das aventuras pelos persas, tal como eu fui autorizado a escavar o lugar mais maravilhoso pelas

autoridades otomanas. Recebemos do império aquilo que ele tem para nos dar mas, no final, a nossa lealdade é para com as pessoas que amamos primeiro, que amamos mais profundamente. Tal como Cílix acabou os seus dias a escrever um relato heroico de Heráclides, o príncipe rebelde da Cária, também um dia eu escreverei acerca dos meus primos arménios, mais corajosos que eu, que vivem a sua vida em rebelião, seja a que preço for.

— Não deves dizer essas coisas.

— Nunca disse isto a ninguém. Só a ti.

Desentrelaçou as mãos, tocou-lhe pela segunda vez no osso saliente do pulso, e ela sentiu o coração a disparar, como se o toque tivesse atravessado o osso e entrado no sangue. Então, ele voltou a entrelaçar as mãos, afastou-se ainda mais e não voltou a falar.

O *ferry* aportou. O casal de idade inglês foi dos primeiros a desembarcar. Cumprimentaram Viv como se ela fosse a filha há muito perdida.

— Muito obrigado. A partir daqui, nós tomamos conta dela — disse o inglês a Tahsin Bey quando Viv os apresentou.

O tom de suspeição na sua voz era indisfarçável e foi por essa razão que Viv se pôs em bicos dos pés para beijar Tahsin Bey na cara. Ele não a abraçou, mas segredou-lhe ao ouvido — uma promessa, uma proposta, um aviso:

— Quando a guerra acabar, Vivian Rose.